

A dança que a fessora não gosta

Pedro Xavier Russo Bonetto

Adriana de Faria Gehres

O relato de prática em questão apresenta uma experiência curricular desenvolvida em 2018, junto a uma turma de 7º ano do ensino fundamental, numa escola da rede municipal de São Paulo.

Importante dizer que os 7^{os} anos nos períodos letivos anteriores tematizaram lutas (capoeira e muay-thai), esporte (futebol e vôlei), ginástica (artística) e dança (*funk*). Além dessa informação, a definição da prática corporal que seria abordada levou em consideração os apontamentos advindos do Projeto Político Pedagógico da unidade, que versavam especificamente sobre uma educação crítica relacionada a direitos humanos.

- Nossa escola tem por missão contribuir para a constante melhoria das condições educacionais da sociedade, visando assegurar uma educação de qualidade aos nossos alunos, num ambiente de responsabilização social e **individual, participativo, criativo, inovador e de respeito ao próximo**.
- Fornecer serviços educacionais que, proporcionem a todos os nossos beneficiários a possibilidade de cooperarem conosco **num ambiente de intensa criatividade e respeito pelo próximo**.
- Somos uma escola que tem grande orgulho e compromisso pelo trabalho que desenvolve, e cujo objetivo principal é formar um aluno que tenha **atuação crítica e participativa na sociedade**, motivado pelos mais altos ideais de altruísmo e solidariedade ao próximo (PPP, 2018, p. 3, grifos nossos).

Assim, buscou-se desenvolver, professor e alunos/as, uma experiência curricular que tematizasse as danças, com destaque para aquelas que compunham o repertório cultural corporal dos estudantes. Nas primeiras aulas, o professor levou os estudantes para o salão de artes, e lá exibiu vídeos de muitas danças de diferentes locais e culturas. Dentre elas: *hakka* (da Nova Zelândia), dança da tribo Dessana Tukana de Manaus, dança do passinho, forró pé de serra, catira, ballet moderno, bumba meu boi, *poping e tango*. Apesar de curtirem os vídeos, poucas danças pareciam interessar os estudantes. A maioria eles e elas não conheciam e em momento algum fizeram comentários elogiosos ou pediram para dançá-las.

Foi então que o professor pensou em outra atividade. Disponibilizou uma caixa de som com um cabo para conexão com celular e deixou a turma à vontade para selecionar as músicas de suas preferências enquanto ele observava e registrava o que acontecia. Teve

rap nacional e internacional, *pop* internacional, *rock* internacional e muito *funk*. Como nos anos anteriores já havia tematizado o *funk*, o professor indicou que teriam que optar por outro gênero. Alguns insistiram, disseram que só gostavam de *funk* e que apenas esse ritmo era legal. Conforme iam ouvindo outros, os/as estudantes diziam que “é coisa de velho”, “credo, isso é chato”, “professor a gente só gosta de funk”. Nas aulas seguintes, a insistência de permanecer dançando e cantando apenas o *funk* aumentou. Um aluno colocou uma música chamada “*Funk do PCC*”¹, quase todos conheciam e cantaram. Já quando tocava outro ritmo, mudavam de assunto, sentavam na arquibancada ao lado da quadra e se afastavam da atividade. Tempos atrás haviam reagido dessa maneira quando o professor sugeriu tematizarem o sertanejo, forró e samba. Simplesmente, ninguém quis dançar.

Junto com a pesquisadora Adriana Gehres que desenvolvia seu trabalho de campo na escola, tentaram atividades com o forró e o samba rock. Apesar de muito legais e de terem despertado o interesse de parte dos estudantes, os temas logo deixaram de atrair a atenção. O objetivo, nesse caso, era ampliar o conhecimento dos estudantes sobre as danças, por isso não adiantava continuar nas práticas corporais que já conheciam e tinham estudado na Educação Física nos dois últimos anos.

Foram várias aulas tentando convencer a turma. Em certa ocasião, um aluno propôs estudarem o *punk rock*. Colocou uma música da banda “Garotos Podres” e demonstrou como se dançava. Ninguém compartilhou o entusiasmo dele. Ao contrário, foram rudes, disseram que aquilo era horrível e que ele tinha que tirar aquela música rápido. Outro aluno reproduziu um *rap* nacional do grupo “Racionais MC’s” e algumas pessoas se empolgaram, começaram a cantar e dançar. Um dos raros momentos em que a música sugerida não foi achincalhada ou ameaçada de ser trocada.

Passaram-se várias aulas em que a turma ouvia as músicas e poucas pessoas dançavam. O professor havia notado que algumas músicas chamavam mais atenção e convocavam mais os estudantes a participar. Em comum, as letras de *rap*, *trap*, *heavy metal* e *funk* mencionavam, entre outros assuntos, a polícia, bandidos, crimes e sexo. Numa roda de conversa, o professor falou sobre as danças, os ritmos que sugerira até o momento e reforçou a necessidade de tematizar uma outra dança para além do *funk*. Comentou que observara um interesse maior músicas mais “subversivas” e que isso ficou claro com as letras com palavrões ou danças que simulavam agressão e sensualidade. A

¹ Sigla de uma conhecida facção criminosa.

essas informações, a turma foi convidada a pesquisar sobre o filme e os *flash mobs*². Nas aulas seguintes, ainda na sala de aula, assistiram aos filmes e vídeos com danças que os próprios alunos e alunas entenderam possuir características subversivas.

Imagem 2. Cena do filme Ela Dança, Eu Danço (*Step up Revolution*)



Fonte: Imagem da internet

Os estudantes gostaram muito, comentaram empolgados o quanto os atores dançavam bem, o quanto a coreografia era bem elaborada, comentaram sobre os automóveis, o *DJ* e o casal de jovens protagonistas do filme.

Imagem 3. Cena final do filme Ela Dança, Eu Danço (*Step up Revolution*)



Fonte: Imagem da internet

² Mobilização rápida, uma coreografia de dança ou encenação, geralmente de curta duração e em local público. Disponível em: <https://www.mundodadanca.art.br/2011/05/flash-mob-o-que-e.html>. Acesso em: 08/11/18.

Na quadra, começaram a cogitar a realização de uma dança-intervenção na escola.
A conversa foi gravada e transcrita pela Adriana Gehres (AG):

A: Ficavam de cabeça baixa, tipo levando bronca e os que estavam em pé ficavam tipo dando bronca neles.

P: Você sabe que nessa coisa aí, ultimamente, eu tenho pensado muito num livro que a gente leu, era assim, ensinando a transgredir, ensinando a desobedecer mesmo!

B: Professor, só mais no intervalo

C: Não, a ideia dele é melhor, a gente podia fazer como ...

D: com as mesas assim ... coloca umas máscaras ... nas mesas assim, quero ver a cara do XXXX na hora ...

P: Quem é o XXXX?

D: é um professor de XXXXXXX, muito bravo ...

P: vcs sabem precisa de muita coragem ...

D: Ah, eu vou

A: eu vou

P: precisa de ... além de coragem precisa de companheirismo, pq se vai um, dois, três, quatro, fica sem graça, fica chato ...

D: mas vc sabe que vai ter sempre um vacilão que não vai querer ir

P: Prá dar problema, prá punir, é muito mais fácil vc punir um, dois ou três ...

D: Vai a sala inteira

E: Aí eu vou falar assim, não, a culpa é minha ...

P: Aí o outro fala ...

P: Vamos organizar ... a gente já sabe onde a gente vai fazer ...

A: eu prefiro a direção

D: no pátio ...

P: Mas a subversão também tem a ver com o local que não pode fazer ... aqui pode dançar... sabe que a gente tava falando .. aqui a gente pode dançar ... lá é silencio, não pode dançar ... não tem alegria ...

A: outra coisa que eu pensei ... todo mundo sentado nas cadeiras com a cabeça abaixada, aí os outros ... iam passar em cada sala lá da diretoria, passando, dizendo como se uma coisa fantástica aconteceu ... aí quando os professores, os diretores chegassem lá, tava lá tudo montado ... nas cadeiras ... aí tirava as cadeiras e começava a dançar ...

D: com máscara

P: Eles vão saber quem é ... com certeza

C: Eles não vão saber quem é ... na diretoria

D: Professor, já tou até imaginando, vai ser muito da hora ...

F: Aqueles que vão para a diretoria não deviam ficar de máscara

P: A gente pode fazer de máscara, vcs que sabem, vcs que vão decidir tudo ...

Eu: acho que é bom eles verem os vídeos, ações simples, talvez seja bom eles verem esse vídeo da batucada ...

H: A gente precisa ensaiar ...

P: Estratégia de guerra, Oooooowww, vcs têm sugestão?

A: eu acho que fazer na diretoria é melhor ...

P: Lembrando ... eu vou fazer com vcs ...

A, B, C: ÊÊÊÊÊÊ ... vc vai fazer tb ?

C: ele é o líder da matilha, é o alfa!!!

D: Professor ...

P: Vcs tão com medo?

B: C: ... não, não

H: é o que a gente mais queria professor ..

AG: tem que ser uma dança que tenha precisão, não pode ser uma dança coreografada,

tem que ser uma dança que tenha pá pá pá, que crie esse tipo de onda ... e que contagie ... que todo mundo viesse...

P: aquele vídeo que as pessoas vão se contaminando aos poucos, que é uma ... tem a ver com o lance de ser subversivo, uma coreografia, uma dança ... que as pessoas vão fazendo, que vai aumentando de tamanho ... a ideia deles é a gente fazer na porta da diretoria, ali na secretaria

C: Na diretoria mesmo

H: Na diretoria, vcs são doidos

P: Os primeiros chegam lá e sentam ...

D: Os mais bagunceiros tá lá já ...

B: Primeiro vai a Marília ...

P: Aí as pessoas vão indo para secretaria, aí de repente vai todo mundo para lá e a gente faz uma dança mais com música alta, a ideia deles ... não a gente tá planejando ... a ideia deles é que o lugar lá é muito triste, é muito tenso, é muito ... sempre a gente vai lá para ser punido e a gente vai lá ... agora para dançar ... subverter porque não é o que as pessoas esperam ...

D: Todos os professores deviam estar lá ... a ideia também é na reunião de pais

H: Não, tá louco ...

P: Ooow oh lá, a gente vai ter ... eu gostei muito dessa ideia da diretoria

J: Esse menino é um gênio

P: O que vcs acharam?

J: Achei muito boa a ideia

P: Francisco ... Francisco, o que vcs acharam da ideia da diretoria?

A, B, C ... eu achei legal, eu gostei muito criativo

D: Não pode ser vc porque vc tem medo. Ela tomou uma bronca da Maria José e quase chorou na sala

K: É mentira professor ... eu não levei bronca nenhuma

P: Olha que subversivo ... olha que subversivo ... a gente começa a ir para lá ... a gente começa ... subversivo é que está abaixo de uma ordem ... a gente manda prá lá prá diretoria, os alunos que nunca vão ... os alunos mais bonzinhos

K: eu a

P: De repente chega todo mundo ... normal, vai todo mundo

L: Começa pelos bonzinhos

P: O estranhamento já começa aí ... entendeu

A: mas a roupa vai ser tudo igual ... vai ser tipo ...

D: Não, nada de roupa igual...

C: tem que ser primeiro os ruins depois os bons ...

P: Primeiro os bons, depois os bons? Então, oh a gente tem que organizar ... a gente tem que pensar a música ...

AG: não pode ser uma música coreografada, tem que ser uma música que todo mundo dance ...

P: A música e os passos ... o que a gente vai fazer lá

J: Podia envolver funk, rap, tudo ...

A: Isso aí não seria uma dança seria uma ???

AG: Uma dança que tenha continuidade assim e que dê meio para todo mundo fazer ...

P: Que contamine as pessoas muito fácil ...

B: a gente podia gravar

AG: Porque se for dança que tem passinho, tem gente que não consegue fazer, então tem que ser ações assim muito simples que todo mundo faça

P: Uma coisa que dá prá fazer também ...

AG: Saltar, girar ...

P: Pessoal ... uma coisa que dá para fazer tb, ao invés de ser muito violento de uma vez só ...

AG: Ir crescendo

P: Dá pra chegar ... e ir crescendo ... vc vai crescendo ... vai crescendo

AG: de repente é só sentar e levantar, sentar e levantar

P: Sentar e levantar ... eu pego a cadeira que tá lá .. sei lá, a gente tá sugerindo

H: Ficava assim com raiva assim, com raiva

P: Aí vai outro ... pá, pá, pá, e aí vai chegando outros ... pá pá, sabe, é isso, é essa energia...

H: elas vão reclamar ...

P: Mas é isso, a ideia não é para agradar ... subversivo não é prá agradar.

A: Depois que tirasse as cadeiras ... o que vai fazer ..

AG: Pode chegar nesse momento tb ... mas tem que ser com coisas muito simples tb, eu penso que tem que ter uma música que se repita em looping, sabe ...

P: Uma coreografia de ...

AG: não é coreografia ...

P: É diferente ... é mais uma energia estourando ... uma energia ...

AG: eu acho que era bom eles verem a batucada prá eles entenderem

P. Sim, sim ...

AG: *Fame* tb .. a gente vai lá para cima...

AG: começa pequenininho, um ritmo, outro ritmo

P: Primeiro, ninguém é obrigado a fazer ...

D: Escuta Bia ...

P: Só pouquinho ... se vc falar que vai, tem que ir

A, B, C: eu vou, eu vou de qualquer jeito ...

P: O Cauã e o Cauê eles sabem dançar muito bem, eles sabem coreografias, só que se a gente chegar lá e faz coreografias, o pessoal vai olhar, ahhh, é menos coreografia e mais energia, é como se fosse uma explosão de energia, pensa assim, a gente tava conversando aqui, alguém vai lá e isso ... se a gente já chega muito violento de uma vez só assusta muito

AG: não faz o ... não tem o efeito

P: e a gente começa ... então chega um por um .. a Dri deu a ideia do pé...

AG: Eu disse alguém pode começar senta, levanta senta, levanta, senta, levanta e muda a cadeira de lugar, depois chega mais gente ...

D: Como se fosse um tique nervoso, um tique tique nervoso ...

P: Pessoal pensa assim, senta, levanta, senta levanta .. imagina quem tá lá passando normalmente ... passa vê um ser vivo sentando e levantando, aí ele começa a olhar, aí vem outro e começa a fazer também, bom, a gente vai .. isso aí é uma tática de guerra malandro, guerra ... tem que ser bem organizado, aí chega o outro, três quatro, cinco ...isso começa a ganhar barulho, alguém chega e começa a fazer a mesma coisa e bater a carteira no chão ... pá, e começa a chegar, aqui tem quantas pessoas ...

K: vinte e pouquinhas ... a gente chama uma outra sala, aí esse 20 e pouquinhas vira 40 já tá mais legal, de repente a gente chama outra e aí a ... isso aí explodir aquilo ...

P: Começar a gente tem que organizar, começar com os bonzinhos ... mostrar que eles também não são santos, dá prá gente fazer de diversas formas e pensando em diversas formas ... não precisa ser explicado ... não precisa ser explicado tb, depois que terminou e a diretora chamar algum para dar bronca e não sei o quê, então, mas o que vc tava fazendo ? Dançando. Não tem explicação ... mas é porque aquele é o local ... não vai dar ruim não, não vai dar ruim não ... oohhh o que foi que ele falou, vai ter música? O que a gente pode fazer, por ser dança o tema da nossa aula, pode ser que tenha música, a Dri tá quase me convencendo que existe dança sem música ...

N: Existe ...

P: ela tá quase me convencendo ... então a gente pode fazer só isso aqui (estalo de dedos) ou só bater a carteira no chão, ou só o pé ou uma música mesmo, ou um grito, o que vcs acharam?

D: A gente grita ...tipo cada um ...vai chegando e começa diretora, diretora, diretora ...

Aí quem vai chegar diretora, diretora, diretora ...

P: Nossaaaaa ... esse moleque ...

H: Diretora, Diretora ...

D: Diretora, diretora, diretora ...

P: A diretora em si, ela é gente boa, ela é gente boa prá caramba, mas ela ...

H: Era para eu ter tomado 5 suspensões e ela me livrou de tudo isso.

P: Ela tá de férias, mas se não me engano semana que vem ela já tá de volta

C: Semana que vemmm ...

P: Mas a gente não vai fazer, amanhã, agora, a gente precisa fazer bem pensado ... bem organizadinho ... as vezes quando faz mal feito ... é que nem um crime, dá problema ... inclusive pro professor ... a gente tem que fazer tanto que no final eles entendam que aquilo é arte por exemplo, é música, é dança ... entendeu.

P: O que eu tava falando é que a gente precisa se organizar bem para fazer ... prá não fazer de qualquer jeito ... e

Eu: Tem que ser bem ensaiadinho ...

P: Se não fizer ensaiado, aquelas pessoas têm que se incomodar com aquilo, mas depois

tem que entender que foi alguma coisa com ...

D: Que tem um propósito ...

P: Artístico ou que é da Educação Física ... ou uma dança, entende isso, entendeu ... tudo bem ...

AG: É bom mostrar os vídeos

P: Caixa de som ... quem que deu o exemplo da diretora

D: Eu

AG: Diretora, diretora

P: Diretora, diretora, diretora ..

AG: Pode ter uma rima ...

C: Diretora eu vim falar que eu tou muito chato

Nesse mesmo dia ouviram músicas e conversaram. Surgiu a ideia de protestar contra a escola. Queriam protestar contra alguns professores, a comida, a diretora, a

coordenadora, sobre as regras da escola, etc. Foi quando combinamos que todos iam participar, que seria uma dança coletiva, nos corredores da escola, no horário do intervalo, pois tinha mais gente e também íamos usar as cadeiras. A animação era tanta que já queriam começar a dança-manifesto no mesmo dia.

A Adriana sugeriu que antes conhecessem mais coreografias em que a dança produzisse o efeito de subversão e/ou de contágio das pessoas que estavam em volta (*flash mob*). Com um computador e um projetor, assistiram aos vídeos indicados.

Imagem 4. Cena do vídeo *Rosas Danst Rosas*



Fonte: Imagem da internet³

Assistiram aos vídeos *Rosas Danst Rosas*, que demonstra basicamente que qualquer movimento, por menor e mais simples que seja, pode ser um passo de dança; *Jerome Bel (The show must go on*⁴), o polêmico espetáculo *Batucada*⁵ e um trecho do filme *Fame*, onde um pai (taxista) reproduz em um alto-falante de carro a música do filho (Bruno) e a música viraliza e faz com que os dançantes tomem a rua.

A partir dessa atividade, a turma mudou completamente. Eles e elas estavam muito empolgados, dançavam, sugeriam passos, roupas, enfim, os vídeos mostraram muitas possibilidades de dançar, protestar, ocupar, incomodar, resistir e contrapor. Transbordaram ideias, desejos, propostas e vontade de criar alguma coisa com a dança.

³ Anne Teresa De Keersmaeker, com música de Thierry De Mey e Peter Vermeersch. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vILZExpGBOY> Acesso em: 08/11/20.

⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dAeEkNYFk_0. Acesso em: 08/11/18.

⁵ *Batucada*, do coreógrafo piauiense Marcelo Evelin. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4eFjEISXMq8&has_verified=1. Acesso em: 08/11/20.

Imagem 5. Cena do filme Fame (1980)



Fonte: Imagem da internet⁶

Canalizando um pouco a empolgação inicial, o professor disse que precisavam ensaiar, criar os passos, escolher a música, planejar o momento da dança, e que os espetáculos, os *flash mobs*. Explicou que até mesmo as atividades que levam as pessoas a dançar espontaneamente, requerem preparação para que a coisa aconteça.

Carregaram mesas e cadeiras para a quadra mais afastada (para não demonstrar a dança antes e estragar a surpresa) e conversaram sobre as propostas de dança-intervenção. Fizeram essas experimentações por mais algumas aulas. A participação era bem expressiva e a performance se modificava todos os dias. Não existia um jeito certo de fazer, alguns ficavam só batendo nas mesas enquanto outro subiam, outros permaneciam sentados, viravam as cadeiras, faziam passos de dança. Experimentaram... experimentaram... experimentaram...

⁶ Filme norte-americano dirigido por Alan Parker, música composta por Michael Gore e Lesley Gore. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aueiq_aWtY8. Acesso em: 08/11/20.

Imagem 6. Alunos e alunas dançando usando cadeiras e mesas



Fonte: Imagem do autor

Numa dada ocasião em que não podiam usar as quadras, o professor lembrou do clipe *Another Brick in the Wall* da banda Pynk Floyd e pensou que o vídeo poderia inspirar ainda mais os estudantes uma vez que o enredo apresenta um protesto contra o modelo escolar tradicional.

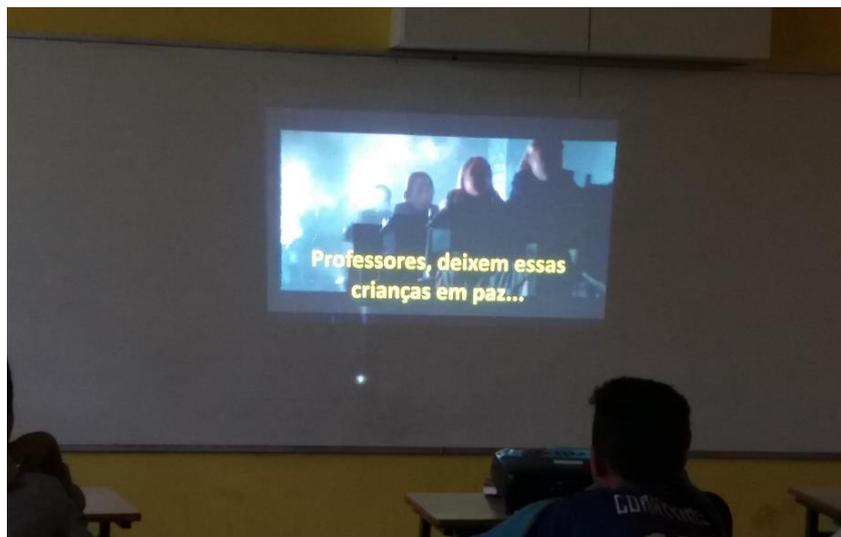
Imagem 5. Alunos assistindo o clipe da música



Fonte: Imagem do autor

Os estudantes gostaram muito do vídeo e da música. Muitos já conheciam o ritmo, ensaiaram até de bater nas mesas para acompanhar as batidas da música. Nenhum deles sabia sobre a letra e a banda Pink Floyd.

Imagem 6. Legendas com a tradução da música



Fonte: Imagem do autor

As cenas da escola enquanto fábrica, do modelo tecnicista de ensino que deixava os alunos todos iguais, dos estudantes caindo em um moedor de carne e, principalmente, quando queimam a escola foram elogiadas. Os estudantes adoraram o clipe e brincaram: “professor partiu botar fogo na escola!”. Já nas últimas aulas, pensando em quais roupas, máscaras ou pinturas iriam usar, o professor disponibilizou tintas e faixa de isolamento para que combinassem e fizessem os preparativos finais.

Imagem 7. Alunos e alunas experimentando pinturas e vestimentas



Fonte: Imagem do autor

Eis, depois de planejar, ensaiar, combinar quem iria participar, quem não gostaria, depois de combinar a música, os passos e como dançariam, combinaram uma data para a dança-intervenção. Optaram por uma batida de *funk* sem letra e que usariam as cadeiras e mesas do refeitório durante o intervalo das turmas do ensino fundamental I.

Imagem 8. Começo da performance



Fonte: Imagem do autor

No dia combinado todos estavam muito animados, prepararam as roupas, maquiagens e pinturas corporais. Assim que tocou o sinal do intervalo, o professor ligou a aparelhagem de som, as crianças das outras turmas ficaram interessadas e pararam para assistir.

Imagem 9. Performance realizada no refeitório da escola



Fonte: Imagem do autor

Assim que a dança começou, alguns professores e professoras foram assistir, mas poucos ficaram olhando. Uns sem entender que era uma apresentação, tiraram as cadeiras e pediram para os/as dançarinos/as descerem da mesa. Foi bem rápido. Tão logo terminou, as pessoas bateram palmas e os/as dançarinos/as foram para o pátio.

A turma estava extasiada. Muito felizes, disseram que a dança tinha sido emocionante e que acharam que iam tomar muita bronca. Cada qual descreveu sua experiência e o que fez quando alguns professores e uma professora tentou encerrar a apresentação. Da mesma forma, alguns alunos e alunas que estavam assistindo, além de elogiarem, perguntaram se era um protesto, se era sobre racismo e/ou sobre bullying. Os/As estudantes disseram que não. Era apenas uma performance de dança. Queriam repetir o ato, queriam fazer na rua ou no período da manhã para outros estudantes que não tinham visto. Mas nada disso aconteceu. Estavam nas últimas semanas do semestre letivo. O professor conversou sobre a ideia de afecção ou afetamento. E que, provavelmente, repetir a dança no mesmo local, com as mesmas pessoas, seria diminuir ou tentar reproduzir a mesma potência da primeira performance. Por tudo isso, não aconteceu outra vez. O ano letivo se encerrou com uma avaliação do que fizeram durante todos os meses, sobre as danças que assistiram e os debates que realizaram até chegar na criação daquilo que até o momento não sabiam nominar. Nessa ocasião, uma das estudantes perguntou para uma professora o que ela tinha achado da dança. Respondeu que tinha achado horrível, que era funk, barulho, bagunça e que aquilo não era dança. Já que a performance não tinha sido nomeada, os próprios estudantes começaram a chama-la de “a dança que a *fessora* não gosta”.